

Crise jornalística nas manifestações midiaticizadas de junho de 2013: A não linearidade nos processos de mudança

Journalism in crisis manifestations 2013 june mediatized: Not linearity in change processes

Ivan Daniel MÜLLER [1](#); Gustavo Roeser SANFELICE [2](#)

Recibido:07/08/16 • Aprobado: 12/09/2016

Conteúdo

- [1. Introdução](#)
- [2. Miatização, um processo semioantropológico](#)
- [3. Metodologia de análise](#)
- [4. A análise de enquadramentos \(Frames\) e a crise jornalística em junho de 2013 na Folha \(Mudança súbita de enquadramentos\)](#)
- [5. Considerações finais](#)

Referências

RESUMO:

No exemplo concreto abordado o Jornal Folha de São Paulo, ao realizar a cobertura das Miatizadas Manifestações de Junho de 2013, experienciou uma crise frente à opinião pública; buscando contornar tal crise, o Jornal encontrou novas formas de realizar sua construção discursiva na relação para com os fatos sociais. Tal maneira de reinserir enquadramentos e readaptar o seu fazer jornalístico denotam a presença da "crise jornalística", bem como a não linearidade nos processos de mudança ligados a essa crise, que perpassa diferentes campos sociais e relações de poder.

Palavras chaves: Manifestações de Junho de 2013 no Brasil, Miatização, Análise de enquadramentos, Jornal Folha de São Paulo, Crise Jornalística.

ABSTRACT:

In the specific example discussed the newspaper Folha de São Paulo, in order to cover the Mediatized June 2013 Manifestations, experienced a crisis facing the public opinion; later, looking around the present crisis, the Journal found new ways to achieve its discursive construction in relation to social facts. So reinserting frameworks and readjust your journalistic do denote the presence of "journalistic crisis", as well as the non-linearity in the change processes that cut across different social fields and power relations.

Key words: June 2013 Manifestations in Brazil, Mediatization, Frame analysis, Folha de São Paulo news, Journalistic crisis. Autores: Ivan Daniel Müller e Gustavo Roeser Sanfelice.

1. Introdução

Os gritos de "Vêm pra rua" ou a célebre frase de "Queremos hospitais padrão FIFA" presentes nas Manifestações Sociais de Junho de 2013 ainda ecoam fortemente na memória de inúmeros

brasileiros e, em especial, continuam provocando indagações no pensamento e nas análises de diferentes pesquisadores, que por hora ainda intentam compreender tais Manifestações de forma mais ampla, embora já passados cerca de três anos de sua ocorrência.

Cabe lembrar que, de súbito, após protestos iniciais do Movimento Passe Livre (MPL) que contrariavam o aumento das passagens no transporte coletivo, mais de um milhão de pessoas passaram a estar presentes nas ruas em um único dia (Rolnik, 2013) conclamando inúmeras demandas, sendo que diversos e distintos também foram os fatores que contribuíram para com essa irrupção social e com a imensa proporção alcançada por tais manifestações.

Fugindo a uma análise simplista, cabe destacar que as Manifestações de Junho de 2013 tiveram, para além de sua importância histórica, peculiaridades. Quanto a tais peculiaridades, Perruso (2014) procura destacar três: A horizontalidade e descentralidade ativista das manifestações; a ação direta e por vezes espontânea dos ativistas, sobretudo em relação a alvos símbolos do capitalismo; e, por fim, a participação de um público jovem, caracterizado como uma nova geração militante que parece não compartilhar das mesmas concepções políticas e ideológicas de outrora. São essas, inclusive, destacando também uma possível importância histórica das Manifestações de Junho de 2013, características que poderão ser “decisivas para a compreensão de possíveis mudanças em curso nas lutas sociais e políticas nacionais” (Perruso, 2014, p.2).

Para além das três características peculiares trazidas por Perruso (2014), arriscamos a apontar uma quarta característica, central por sua vez, que é destacada a partir da importância que as redes sociais desempenharam nas Manifestações de Junho de 2013, sobretudo devido à centralidade do papel midiático na sociedade atual e dos fluxos diferenciados que compõem o processo de midiaticização dessa sociedade (Verón, 1997); tal importância denotada pelas redes sociais caracteriza as Manifestações de Junho de 2013 como sendo a Primeira Manifestação em Massa Midiaticizada no país.

Para melhor compreendermos a proposição é necessário que se entenda como a midiaticização se desencadeia ao longo de um processo histórico, urgindo desde o surgimento da humanidade até os dias atuais e de como, ainda, a sociedade atual é percebida e nomeada dentro desse processo como sendo midiaticizada. A partir dessas concepções o presente artigo objetiva mostrar e analisar a crise jornalística experimentada por distintos veículos comunicacionais em junho de 2013 no Brasil, trazendo à tona empiricamente o caso do Jornal Folha de São Paulo. Procedimentalmente, sob a ótica de enquadramentos (*frames*) de Goffman (1986, 2004) analisou-se a cobertura jornalística da Folha frente as Manifestações de Junho de 2013 e, a partir daí, extraiu-se as proposições e indagações referidas no presente artigo.

É só a condição de Manifestação em massa midiaticizada atribuída às Manifestações de Junho de 2013 que permite a compreensão mais ampla da crise jornalística experimentada, isso porque há a centralidade do papel midiático e a busca constante da significação e ressignificação através das redes sociais, as quais compõem os fluxos diferenciados que caracterizam o processo de midiaticização dessa sociedade (Verón, 1997) a qual tenciona a partir de si mesma e das novas ferramentas tecnológicas, disputas de poder em distintos campos sociais, as quais englobam as próprias crises jornalísticas experimentadas.

Nessa direção ainda, objetiva-se mostrar aqui o quão o ritmo de mudanças no campo midiático, que se instaura a partir da crise, está ligado a mudanças em distintas esferas sociais, perpassa relações de poder também engendradas pela midiaticização da sociedade e não ocorre se não frente à desequilíbrios que vão se ajustando com tempo à regulação social e as novas proposições que as diferentes mudanças empunham na composição de uma sociedade midiaticizada e, portanto, mais complexa.

2. Midiaticização, um processo semioantropológico

Eliseo Verón, precursor nos estudos acerca do tema midiaticização, em seu artigo intitulado *Teoria da midiaticização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*

(Verón, 2014), traz sob enfoque mais completo e complexo definições acerca dos significados e das referências ao que o termo e a teoria da midiatização pressupõem.

Para o sociólogo argentino, a midiatização é um processo constitutivo da própria modernidade, mas que se desenvolve desde o surgimento da humanidade enquanto exteriorização dos processos mentais. Conforme Verón (2014), as possibilidades de alteração das condições sócio-culturais do homem derivam de sua condição biológica e da sua capacidade de produzir fenômenos midiáticos, logo, seguindo esta lógica, a midiatização não é um processo universal que caracteriza toda a humanidade, mas, sim, um resultado operacional da capacidade de semiose da humanidade.

Nesse sentido, fenômenos midiáticos são compreendidos por Verón (2014) como sendo a exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais, sendo que através dos fenômenos midiáticos é que se expressam as capacidades semióticas de nossa espécie, por isso, todas as sociedades humanas produzem tais fenômenos. O autor aponta ainda para o fato de que o primeiro estágio da semiose humana deva ter sido, acerca de dois milhões e meio de anos atrás, a produção sistêmica de ferramentas de pedra.

O ponto central aqui é que o fenômeno midiático da exteriorização dos processos mentais tem uma consequência tripla. Em termos peircianos, mais uma vez, sua primeiridade consiste na autonomia dos emissores e receptores dos signos materializados, como resultado da exteriorização; sua secundidade é a subsequente persistência no tempo dos signos materializados: alterações de escalas de espaço e tempo se tornam inevitáveis, e a narrativa justificada; sua terceiridade é o corpo das normas sociais definindo as formas de acesso aos signos já autônomos e persistentes. Em outras palavras: criação tríplice de diferenças. As condições estão, portanto, dadas para a história da midiatização começar (Verón, 2014, p.15)

Conforme refere Verón (2014), está iniciado o processo daquilo que conhecemos como sendo a midiatização, que passa a ser somente "o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências" (Verón, 2014, p.15).

Dentro dessa perspectiva antropológica proposta por Verón, momentos cruciais da midiatização, nos quais também se dispõe o momento atual com a recente criação da internet, podem através de fenômenos midiáticos oferecerem rupturas entre espaço e tempo, gerando acelerações do tempo histórico (Verón, 2014). Não se trata de um determinismo tecnológico, mas sim, da apropriação pela comunidade de um dispositivo tecnológico que se torna institucionalizada em um lugar e tempo particular.

Verón (2014) aponta que, nos últimos dez anos, a internet alterou a condição de acesso ao conhecimento científico mais do que essa condição mudou durante três séculos, desde o surto moderno de instituições científicas. É fundado em tais aspectos que diferentes autores (Verón, 1997, 2014; Sodré, 2006; G mes, 2006) cunharam o termo "sociedade midiatizada", buscando nomear a contemporaneidade temporal, sobremaneira porque essa sociedade de hoje se diferencia evidenciando uma interdependência dos demais campos sociais em rela o ao campo dos media, fato nunca antes vivenciado (Verón, 1997).

Sob este ponto de vista semioantropológico proposto por Eliseo Verón, a história da midiatiza o, conforme refere o próprio autor, pode ser entendida como "a interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos; disputa que se torna, no decorrer da história da nossa espécie, cada vez mais complexa e condenada ao fracasso" (Verón, 2014, p.17).

A possível crise jornalística experimentada atualmente, derivada sobretudo dos fluxos diferenciados que compõem o processo de midiatiza o da sociedade atual, dentre os quais se destacam características como a complementaridade entre emissor e receptor, a horizontalidade na troca de mensagens e a presença do feedback (Verón, 1997), também se moldam ao quadro de disputas de grupos sociais distintos, que buscam estabilizar sentidos:

nesse caso, há a disputa entre o papel centralizador midiático e o protagonismo dos atores sociais, sendo essa uma das assertivas centrais trazidas por Verón (2014), que se evidenciam fundamentais para a compreensão das proposições que o presente artigo sugere; outra assertiva do autor de suma importância aqui abordada é a de que "a comunicação humana é completamente não linear, em todos os seus níveis de funcionamento, pois é um sistema auto-organizador distante do equilíbrio" (Verón, 2014, p.17).

3. Metodologia de análise

Analisar a cobertura do Jornal Folha de São Paulo acerca das Manifestações Sociais de Junho de 2013, sob a ótica de análise de enquadramentos (*frames*) de Goffman (1986, 2004) foi a proposta metodológica procedimental utilizada, de onde se extraíram os dados empíricos aqui expostos e, posteriormente as indagações e proposições sugeridas, especialmente com referência à crise jornalística experimentada pelo Jornal Folha de São Paulo em junho de 2013.

Essa análise procedimental da cobertura engloba, conforme Carvalho (2000), três principais formas de análise dos enquadramentos (*frames*). A primeira (macro), conforme a autora, enfatiza a percepção e a visualização dos enquadramentos (*frames*) a partir de padrões que irão organizar nossa cognição, estando ligada aos Mapas Culturais de Significados de Stuart Hall et al (Hall et al, 1993; Hall, 2002); já na segunda, os enquadramentos (*frames*) estariam ligados à estruturação do discurso (micro), que vai ao encontro, segundo a própria autora, da definição de Entman (1993) sobre enquadramento, visto que para o mesmo, enquadramento significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes no texto comunicativo. A terceira acepção de análise tem sido entendida como um "nível superior" de construções culturais (Carvalho, 2000). Enquadramentos (*frames*) são, neste sentido, as formas comuns de compreender o mundo. Eles podem ser equiparados a "representações sociais", sendo que Moscovici (1984 apud Carvalho, 2000) aponta que essas representações sociais são específicas de cada cultura, convencionalizadas em cada sociedade e em sintonia com os seus valores, e estão a ser um dito prescritivo, pois se impõem sobre nós com uma força irresistível.

O *corpus* desta pesquisa compreende as edições do jornal Folha de São Paulo de 07 de Junho de 2013 a 02 de Julho de 2013, período que englobou as Manifestações de Junho de 2013 no país.

Foram analisados de forma procedimental, capa, fotos, legendas, abertura (títulos), editorial e reportagens (fragmentos de registro) veiculados nestes dias no jornal Folha de São Paulo, que fazem referências às Manifestações Sociais de Junho de 2013 de forma geral. Trata-se de uma seleção baseada no procedimento indutivo, que traz à tona aspectos de diferentes campos sociais e, portanto, sujeita a índices não previstos. Logo, o intuito foi buscar, nos respectivos exemplares, todos os elementos necessários para a análise da cobertura acerca das Manifestações Sociais ocorridas em Junho de 2013. A partir dessa análise procedimental dirigida pelos enquadramentos (*frames*) de Goffman (1986, 2004), orientou-se as proposições e indagações aqui engendradas referentes a crise jornalística experimentada pelo Jornal Folha de São Paulo em junho de 2013.

4. A análise de enquadramentos (*Frames*) e a crise jornalística em junho de 2013 na Folha (Mudança súbita de enquadramentos)

4.1. A análise de enquadramentos

Ao realizar a análise dos enquadramentos (*frames*) do Jornal Folha de São Paulo a respeito das Manifestações de Junho de 2013, de maneira procedimental como forma de explicitar a crise jornalística e analisá-la, identificou-se três fases distintas de enquadramentos do Jornal,

referidas como: **“Os vândalos da Folha de São Paulo!?”**, **“A violência e o abuso policial em destaque”** e **“Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político”**. Esses três distintos períodos de enquadramentos adotados pelo Jornal Folha de São Paulo durante a sua cobertura acerca das Manifestações de Junho de 2013, permitem a melhor visualização da própria crise jornalística experimentada pelo Jornal, visto que a partir da mudança brusca de enquadramentos realizada pela Folha, desenhou-se a crise.

4.2. “Os vândalos da Folha de São Paulo!?”

O que a análise evidenciou é que do dia 07 ao dia 13 de junho, semana que cobriu os momentos iniciais das Manifestações de Junho de 2013, os *frames* da Folha foram massivamente depreciativos em relação às manifestações. O Movimento social que liderou os primeiros protestos na Cidade de São Paulo foi maculado, os manifestantes classificados deliberadamente como vândalos e as manifestações deslegitimadas. Notadamente a Folha promoveu uma definição particular da realidade, bem ao encontro daquilo que Entman (1993) aponta como possibilidade derivada dos enquadramentos, pois havia, segundo o Jornal, um lado ruim da história, e esse lado sem dúvida era o dos manifestantes.



Figura 1: Exemplos dos enquadramentos “Os Vândalos da Folha de São Paulo!?” Adaptado do Jornal Folha de São Paulo de 12 de Junho de 2013 (p.A1 e p.C4), São Paulo, Brasil: Copyright 2013 por Jornal Folha de São Paulo.

4.3. "A violência e o abuso policial em destaque"

Em um segundo momento, presente na edição do dia 14 de junho, a Folha passou deliberadamente a enxergar o outro lado da história. Após uma ação desmedida da polícia militar paulista e da tropa de choque, o Jornal mudou seus enquadramentos. Cabe lembrar que a PM e a tropa de choque se utilizaram de bombas de efeito moral, spray de pimenta e sobremaneira disparos com bala de borracha para conterem manifestantes, sendo que houve inúmeros feridos, alguns gravemente, dentre eles, jornalistas da própria Folha de São Paulo.

Figura 2: Exemplos dos enquadramentos "A violência e o abuso policial em destaque"
 Adaptado do Jornal Folha de São Paulo de 14 de Junho de 2013 (p.A1 e p.C2), São Paulo, Brasil:
 Copyright 2013 por Jornal Folha de São Paulo.

4.4. "Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político"

Já na terceira fase dos enquadramentos, do dia 15 de junho ao dia 02 de julho, há uma resignificação dos frames do Jornal, onde o que se percebe é um maior cuidado da Folha no que diz respeito a classificações do campo social (manifestantes e manifestações) e uma maior promoção de notícias no que tange o campo político, sobretudo em relação às disputas partidárias que se desenhavam para as eleições presidenciais do ano seguinte. Vale aqui a disposição de que, nesse terceiro momento dos enquadramentos, as Manifestações haviam

mudado seu rumo e seu modo, foram excessivamente midiáticas, assumido diversas demandas e desvinculando-se unicamente do MPL. O perfil dos participantes a partir de então também estava modificado.



Figura 3: Exemplos de “Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político”
Adaptado do Jornal Folha de São Paulo de 20 de Junho de 2013 e de 30 de junho de 2013 respectivamente (p.C1 e p.A1),
São Paulo, Brasil:
Copyright 2013 por Jornal Folha de São Paulo.

A crise jornalística em junho de 2013 na Folha (Mudança súbita de enquadramentos)

É a mudança brusca de enquadramentos realizada do dia 13 de junho (Os vândalos da Folha de São Paulo!?) para o dia 14 de junho (A violência policial em destaque) que denotam a crise experienciada pelo Jornal Folha de São Paulo em relação ao seu fazer jornalístico. A opinião pública massivamente passou a criticar o Jornal, visto que nenhum argumento consistente serviu para explicar porque do dia 07 de junho (primeiro dia após o início das Manifestações de Junho) até o dia 13 de junho, nos enquadramentos classificados como “Os vândalos da Folha de São Paulo!?”, a grande maioria das reportagens do Jornal procurou deslegitimar as manifestações e manifestantes e, a partir do dia 14 de junho isso se modificou drasticamente.

O editorial da Folha do dia 13 de junho intitulado “Retomar a Paulista” denota o tom repressor da Folha em relação às manifestações, sendo claro em exigir maior rigor policial para punir o vandalismo e, sobretudo, evitar que as manifestações chegassem até a Avenida Paulista, artéria principal da cidade, de onde, conforme ocorrido nas manifestações anteriores, inúmeros congestionamentos e transtornos à cidade foram gerados. Para a Folha, segundo o editorial, as manifestações eram simples atos de “pseudorevolucionários que não têm nada na cabeça”.

O caráter repressivo da polícia, exigido pelo Jornal no editorial do dia 13, se efetivou de fato à noite, e aí, os próprios jornalistas da Folha sentiram na pele o abuso do poder coercitivo do Estado. Diversos manifestantes, jornalistas e transeuntes feridos com balas de borracha disparadas pela Polícia Militar. Spray de pimenta, cassetetes e bombas de efeito moral também fizeram parte do arsenal de guerra utilizado pelos policiais contra as manifestações. Cabe dizer que nessa noite, muito possivelmente por fazer uma leitura mais acurada em relação à opinião pública (através das redes sociais), os próprios manifestantes do MPL se portaram de maneira “menos violenta”, quase que “jogando ou encenando” uma outra batalha (Dowbor & Szwako, 2013). No dia seguinte, 14 de junho, foi impossível a Folha manter seus enquadramentos como seguiam até então, depreciativos em relação aos manifestantes e manifestações. Agora, a violência policial em destaque, antes de qualquer coisa, foi o estopim para que a opinião pública se voltasse contra a Folha e contra os demais meios midiáticos dispostos na mesma lógica, que do dia para noite alteram a maneira de visualizarem algo (*frames*). Tanto é verídica e notória a crise aqui existente que, em diversas reportagens posteriores a Folha buscou explicar-se.

O texto que melhor pode definir ou traduzir tal crise em relação à mudança nos enquadramentos da Folha é o produzido pela *Ombudsman* do Jornal há época, Suzana Singer; Intitulado de “Faroeste Urbano”, presente no Jornal do dia 16 de junho, onde a *Ombudsman* procura comentar a ação da Folha de São Paulo frente às Manifestações. Por um lado, oferece críticas as primeiras coberturas da Folha em relação as Manifestações, mostrando que outros meios como o Estadão e o Jornal Nacional também realizaram análises semelhantes. Mais além, porém, Suzana Singer sugere que a Folha deveria ter recebido elogios após a cobertura da quarta manifestação (Jornal de sexta-feira, dia 14 de junho), e que, pelo contrário, foi acusada de corporativismo devido ao fato de ter tido repórteres seus feridos no confronto e por isso ter mudado seu enquadramento em relação às manifestações e manifestantes. Segundo a *Ombudsman* da Folha no período, a edição refletiu uma manifestação diferente das demais, onde os militantes estavam “incrivelmente” bem-comportados e a polícia, muito mais agressiva. Conforme Suzana, caberia à reportagem, a partir de então, manter o prumo e se dedicar a explicar quem são esses jovens, de onde vêm e o que os move, sendo que os leitores devem estar cientes de que esses manifestantes não são “nem os baderneiros marginais” dos primeiros protestos e nem as “vítimas indefesas” do último ato.

Para além das concepções, disputas políticas e de poder que tais afirmações apontadas pela *Ombudsman* da Folha trazem, as quais não objetivaremos a discutir aqui, fica claro a crise jornalística experienciada pelo Jornal Folha de São Paulo frente à população, à opinião pública e ao seu público leitor.

É retomando uma das assertivas de Verón (2014) que podemos melhor interpretar o ocorrido em relação à crise jornalística experimentada pelo Jornal Folha de São Paulo em junho de 2013, bem como, compreender melhor as possibilidades erigidas pelo Jornal para fugir dessa situação no mínimo constrangedora, mas, antes de tudo, comprobatória das disputas de poder e interesses que denotam os processos de midiaticização; Verón aponta para tal situação como sendo “a interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos; disputa que se torna, no decorrer da história da nossa espécie, cada vez mais complexa e condenada ao fracasso” (Verón, 2014, p.17).

Ora, estamos de fato transitando de um momento histórico, onde os meios midiáticos produziam a informação e transmitiam à sociedade, para um novo momento onde distintos grupos e atores sociais passam a participar ativamente do processo de enunciação, distante da lógica de transmissão de um emissor para um receptor. Contudo, quando se fala dessa passagem da sociedade dos meios para uma sociedade midiaticizada, o que se aponta sobremaneira é a forma como, agora, a mídia organiza o funcionamento dos outros campos sociais e como suas lógicas passam a reger os sujeitos, suas práticas e a sociedade.

Nesse sentido é necessário ao próprio jornalismo reconhecer o “seu lugar” para manter a legitimidade social que lhe imputa a prerrogativa de mediar a esfera pública; Sendo assim, cabe ao mesmo superar o “antigo modelo” calcado em preceitos como objetividade e

imparcialidade (Franciscato, 2005), assumindo de fato uma postura que reconheça sua função mediadora e sua intervenção na construção social da realidade (De Oliveira, 2015). O que ocorreu em relação à Folha e à crise por ela experimentada em junho de 2013, porém, foi uma continuidade de seu modelo de ação e de construção discursiva frente a uma Manifestação diferenciada, midiaticizada e, portanto, significada e ressignificada, também, a partir do protagonismo dos agentes, antes encarados meramente como receptores.

Sendo assim, após experimentar a crise, o Jornal Folha de São Paulo buscou uma nova forma de enquadrar as manifestações, não mais situada em destacar “os vândalos da Folha!?” e nem tampouco “a violência e o abuso policial em destaque”; passou portanto a ter um maior cuidado em relação às classificações do campo social (manifestantes e manifestações) e uma maior promoção de notícias em relação ao campo político. A partir daí, no que definiu-se como “Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político” a Folha encontrou, coincidentemente ou não, através da ferramenta de pesquisa realizada por seu Instituto DataFolha, essa nova forma de reinserir proposições do campo social, agora, “sem medo de errar”, visto estar amparada na cientificidade e na opinião pública, ambos, fatores essenciais que tais pesquisas visam transparecer e captar. Nesse sentido, as pesquisas utilizadas pelo Instituto DataFolha auxiliam na reinserção de uma “fidelidade discursiva” da Folha, por hora rompida pela crise experimentada.

Durante o mês de junho de 2013, período que abrangeu as Manifestações Sociais de Junho de 2013, o instituto DataFolha realizou seis pesquisas utilizadas pelo Jornal Folha de São Paulo. A primeira delas ocorreu nos dias 06 e 07 de junho e não teve ligação direta para com as Manifestações, embora já estivesse ligada ao campo político, todas as demais, porém, apresentaram ligação direta para com as Manifestações de Junho de 2013.

Cabe lembrar que as primeiras Manifestações de Junho de 2013, ocorridas em São Paulo e coordenadas inicialmente pelo MPL, iniciaram-se na noite do dia 06 de junho de 2013, e receberam destaque na Capa da Folha no dia 07 de junho. Como já apontado anteriormente (“os vândalos da Folha!?”), a desqualificação das manifestações e dos manifestantes deu-se, a partir de então, até o dia 13 de junho. Na pesquisa realizada nos dias 06 e 07 de junho, o Instituto DataFolha foi às ruas verificar como estava a aprovação do governo Dilma, sendo que a reportagem que faz relação para com essa pesquisa é publicada no jornal do dia 09 de junho, com o enfoque de que a aprovação de Dilma teve a primeira queda.

A segunda pesquisa DataFolha foi realizada no dia 13 de junho, ainda dentro da classificação de enquadramentos dada como “os vândalos da Folha!?”, e essa sim, já objetivava “captar a maneira como as pessoas estavam vendo” as Manifestações, como percebiam o fator violência e como avaliavam o transporte público da cidade. Os resultados colhidos nessa pesquisa realizada no dia 13 de junho foram publicados no Jornal do dia 14, fascículo o qual alterava os enquadramentos iniciais em relação às manifestações, passando agora não mais a classificar manifestantes como vândalos e condenando a partir de então a violência policial (“a violência e o abuso policial em destaque”).

Os resultados da pesquisa obviamente se assemelhavam aos enquadramentos agora adotados pelo Jornal e eram, portanto, contrários à posição inicial da Folha de São Paulo, pois evidenciaram que a maioria dos paulistanos, os mais afetados diretamente pelas manifestações, eram a favor dos atos, condenando porém o uso da violência por parte dos manifestantes e da polícia.

Já era tarde. O que a Folha teve de ouvir e de assumir foram críticas em relação à sua mudança brusca de enquadramento, tão contrária à própria opinião pública, e só evidenciada agora pelo Jornal. Claro que aqui cabe o apontamento de que certamente a Folha realizou um acompanhamento em relação à opinião pública através das redes sociais, e que muito provavelmente o “erro grotesco da polícia em ser excessivamente violenta” a pedido também da Folha de São Paulo (editorial do dia 13 de junho), foi o que determinou essa “mudança drástica” nos enquadramentos do Jornal e a crise experienciada. Essa necessidade de estar “ligada” e da impossibilidade de negação frente à opinião pública, oriunda sobremaneira da

utilização das diversas redes sociais por parte dos antes denominados receptores, se torna mais imprescindível quanto maior o veículo, visto que já tem de estar inserido e lidando com as ressignificações em uma ampla cadeia significativa (Recuero & Zago, 2009).

No dia 15 de junho, dentro da perspectiva de análise que classifica os enquadramentos como "Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político", a Folha publicou dados em relação à sua pesquisa realizada no dia 13 de junho, que apontam para uma péssima avaliação do transporte público, sendo a pior desde 1987, onde 55% dos usuários classificavam o transporte público como sendo ruim ou péssimo. Mudanças de enquadramentos efetivadas, coube a Folha se refazer e, para isso, foi categórica ao enviar para as ruas frequentemente seu Instituto, buscando compreender o "sentido das manifestações", assumindo assim uma postura científica frente ao que estava ocorrendo e "retomando as rédeas" para voltar a conduzir o espetáculo, agendar e reassumir seu papel de ordenamento social, o qual Pierre Bourdieu (1997) já referira em seus estudos.

Foram três pesquisas realizadas em um curtíssimo espaço de tempo, uma no dia 18, outra no dia 20 e outra ainda no dia 21 de junho. Cabe lembrar que antes disso, desde o início das manifestações, a Folha havia realizado somente uma pesquisa ligada diretamente às manifestações, no dia 13 de junho. Isso, sem dúvida ajuda a entender porque a Folha adota a partir do dia 15 de junho outra abordagem, novos enquadramentos, baseados muito mais em classificar o campo político (partidos, governos e suas relações com as manifestações) e entender o campo social, para além de suas concepções de enquadramento. Porém, a partir do momento em que o seu Instituto vai às ruas "verificar a opinião pública" através de métodos científicos de análise, a possibilidade de reinserção do próprio Jornal na construção discursiva sobre os fatos sociais se mostra válida novamente.

Basta compreendermos que as perguntas que serão realizadas pelo Instituto já direcionam um primeiro enquadramento sobre o quê o Jornal pretende focar e posteriormente publicar na relação para como o que está ocorrendo; Em um segundo momento, o próprio resultado das perguntas pode indicar quais devam ser analisadas, evidenciadas e quais não. No que diz respeito as pesquisas do dia 18, 20 e 21 de junho a Folha buscou publicar em suma, em diversas reportagens dos dias 19, 22 e 23 de junho, as relações dos indivíduos para com o campo político e com as manifestações (descrença nos três poderes, votação para presidente, apoio as manifestações). Passada a fase de intensificação das Manifestações e da ida do Instituto às ruas, realizou-se ainda uma última pesquisa DataFolha no dia 28 de junho, da qual os resultados foram publicados nos dias 29, 30 de junho e 01 de julho e também versavam exclusivamente sobre o campo político (popularidade da Presidenta, resultados de uma possível eleição presidencial).

O jornalista Jânio Freitas, em sua coluna presente na página A6 do Jornal do dia 02 de julho de 2013, aponta críticas em relação as reportagens e manchetes ligadas às pesquisas realizadas pelo Instituto DataFolha; segundo o jornalista, o fato de que 73% dos entrevistados pela Folha, na quarta pesquisa Datafolha direcionada especificamente às Manifestações (realizada no dia 28 de junho), se mostravam favoráveis a uma reforma constituinte realizada sem deputados e senadores por uma via própria (assembleia) não foram aproveitados pela imprensa. O jornalista ainda desfere críticas aos apontamentos de aprovação ou não dos governantes e, por conseguinte, as reportagens que apresentam dados referentes a essas quedas (maioria das reportagens da Folha ligadas as pesquisas DataFolha), visto que, segundo ele, somente o tempo poderá dar ideia exata do que está ou não sendo influenciado pelo ambiente fermentado das próprias Manifestações.

É, portanto, na valoração do campo científico presente na sociedade atual que o Jornal Folha de São Paulo encontrou algumas das "armas" para fugir a crise experimentada e passou a reassumir seu papel de "objetivo e imparcial". Aqui encontra-se um dilema, pois, se por um lado a Folha de São Paulo vai as ruas ouvir o que a população tem a dizer, por outro, pode erigir as perguntas, direcionar respostas e selecionar o que será mostrado, bem ao encontro do que antes apontamos como antigo modelo, visto estar afastado de uma concepção onde o

mesmo reconheça sua função mediadora e de intervenção na construção social da realidade. A indagação que surge é: A Folha colocou seu Instituto nas ruas porque se sentiu coagida frente a crise por ela experimentada dias antes? Ou, agora de fato se preocupou em trazer à tona a maneira como a população pensa e vê as Manifestações? A ferramenta pesquisa direcionada ao jornalismo pode se objetivar transformadora ou estará mais ligada a uma concepção objetiva/imparcial? As críticas do jornalista Jânio Freitas parecem bem pertinentes nesse sentido, pois questionam o papel fundamental e protagonista que o jornalismo tem em uma sociedade midiaticizada, mas que deve ser assumido essencialmente no caminho da transformação social.

Cabe aqui apontarmos para outra assertiva de Eliseo Verón (2014, p.17) acerca de que “a comunicação humana é completamente não linear, em todos os seus níveis de funcionamento, pois é um sistema auto-organizador distante do equilíbrio”, o que valida percebermos a crise jornalística e suas mudanças como também não sendo lineares e abertas as disputas e relações de poder que essa sociedade midiaticizada mais complexa produz.

5. Considerações finais

Olhar para a história da midiaticização sob o ponto de vista semioantropológico proposto por Verón (2014), permite perceber a história ligada aos processos de comunicação como uma “interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos” (Verón, 2014, p.17), sendo que no decorrer da história da nossa espécie essa disputa se torna cada vez mais “complexa e condenada ao fracasso” (Verón, 2014, p.17). De fato, é essa disputa que se apresenta entre os agentes sociais, agora também produtores e não tão somente receptores da notícia e os meios midiáticos, os quais ocupam papel centralizador nessa sociedade daí denominada midiaticizada. A crise jornalística experimentada em junho de 2013 pelo Jornal Folha de São Paulo e por outros meios midiáticos do país é derivada sobretudo dos fluxos diferenciados que compõem o processo de midiaticização da sociedade atual, portanto, resultado dessas disputas de poder às quais Verón (2014) refere-se.

Ao analisar os enquadramentos adotados pelo Jornal Folha de São Paulo em relação as Midiaticizadas Manifestações de Junho de 2013, percebeu-se três fases distintas: “Os vândalos da Folha de São Paulo!?”, “A violência e o abuso policial em destaque” e “Resignificando os enquadramentos: destaques do campo político”. Tais fases, denotadas por mudanças bruscas de enquadramento (frames) da Folha ajudam a desenhar a crise jornalística experimentada pelo Jornal. Pós crise, coube a Folha reinserir-se em seu papel de protagonista dos fatos, por vezes escondido nas concepções de imparcialidade e objetividade e, é aqui que se encaixaram, coincidentemente ou não, as pesquisas realizadas por seu Instituto DataFolha. A maioria das reportagens vinculadas às pesquisas do Instituto voltaram-se a intersecção entre o campo político e o campo social, especialmente voltadas a aprovação ou não de políticos, a aprovação ou não das Manifestações e as intenções de voto para as futuras eleições de 2014. Cabe aqui a assertiva do jornalista Jânio Freitas que criticou os enquadramentos e direcionamentos dados pela Folha aos dados coletados pelo Instituto, haja visto o ambiente fermentado vivido e a influência maior que esse ambiente exerce nas avaliações então publicadas no Jornal; portanto, distintos questionamentos postos em relação ao papel que a ferramenta pesquisa teve “no contorno à crise” por parte do Jornal Folha de São Paulo.

Dadas as disputas de poder dispostas nessa sociedade midiaticizada, percebe-se ainda a não linearidade que o próprio processo de crise jornalística engendra, dessa maneira, a indagação mais significativa que urge de toda análise é pensar como, em meio a centralidade que o campo midiático passou a tomar nessa sociedade midiaticizada, os meios jornalísticos podem assumir uma postura que reconheça de fato sua função social transformadora, visto agora estarem sendo pressionados pela voz (redes sociais) que os agentes sociais dispõem.

Referências

BOURDIEU, P. (1997) *Sobre a televisão*. Oeiras: Celta Editora.

CARVALHO, A. (october, 2000) *Discourse analysis and media texts: a critical reading of analytical tools*. Köln, Germany: Comunicação apresentada em **International Conference on Logic and Methodology** - International Sociology Association.

DE OLIVEIRA, F.M. (2015) *Do acontecimento à mediação: reflexões sobre a crise do jornalismo*. [From event to mediation: reflections on journalism's crisis]. Brasília: UNB, In: **XXIV Congresso da Compós**.

DOWBOR, M; SZWAKO, J. (2013) *Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013*. São Paulo: **Novos estudos - CEBRAP**, n. 97, p. 43-55.

ENTMAN, R.M. (1993) *Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm*. Illinois: **Journal of Communication**, 43(4): 51-58.

FRANCISCATO, C.E. (2005) *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristovão: Ed. Universidade Federal de Sergipe/Fundação Oviedo Teixeira.

GOFFMAN, E. (1986) *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University.

_____. (2004) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes: 12ª ed. Tradução: Maria Célia Santos Raposo.

GÓMEZ, G.O. (2006) *Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos*. In: MORAES, D. de (org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 81-98.

HALL, S. et. al. (1993) *A produção social das notícias: O „Mugging“ nos Media*. In: TRAQUINA, Nelson. (org.) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega.

HALL, S. (2002) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 7ª. ed. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro).

PERRUSO, M.A. (2014) *As Jornadas de(s)de Junho de 2013*. Caxambú- MG: **38º Encontro anual da AMPOCS**.

RECUERO, R; ZAGO, G. (2009) *Em busca das "Redes que importam": Redes Sociais e Capital Social no Twitter* [In search of " Networks that matter": Social Networks and Social Capital on Twitter]. Belo Horizonte - PUC/MG: **XVIII Congresso da Compós**.

ROLNIK, R. (2013) *As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações*. In: MARICATO, E. et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo-Carta Maior.

SODRÉ, M. (2006). *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: MORAES, D. de (org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 19-31.

VERÓN, E. (1997) *Esquema para el análisis de la mediatización*. Lima: Felafacs, **Revista Diálogos de la Comunicación**.

_____. (2014) *Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*. São Paulo: **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 13-19.

1. Possui mestrado interdisciplinar *Stricto Sensu* em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE, pós graduado *Lato Sensu* em Espaços e possibilidades para a Educação Continuada pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL), graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Feevale, e acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professor na Prefeitura Municipal da Cidade de Dois Irmãos – RS.. Email: ivanmuller@feevale.br

2. Possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS (2007), mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (2002), e graduação em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (2001); Professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão da Universidade FEEVALE e membro do comitê científico do Grupo de Trabalho

Revista ESPACIOS. ISSN 0798 1015
Vol. 38 (Nº 03) Año 2017

[Índice]

[En caso de encontrar algún error en este website favor enviar email a [webmaster](#)]

©2017. revistaESPACIOS.com • Derechos Reservados